

# A formação do Educador Musical: Desafios da Profissão no Mercado de Trabalho

*Helena Ribeiro Inoue  
Universidade Estadual de Maringá  
Helenainoue.98@gmail.com*

**Resumo:** O presente artigo tem por finalidade discutir a atuação do educador musical, a partir de um relato empírico de uma licenciada. Neste trabalho, a entrevistada apresenta reflexões sobre as dificuldades e os desafios encontrados no campo de trabalho, tais como a atuação em sala de aula e planejamentos. No decorrer da entrevista, ela expõe também sua posição a respeito do que foi importante para o aprimoramento de sua formação durante a graduação, relacionado aos três pilares da universidade: pesquisa, ensino e extensão universitária. Ao longo do texto, abordo também o impacto do estágio supervisionado na formação profissional e qual sua diferença, juntamente com projetos de iniciação à docência, para a atuação em sala após a formação.

**Palavras-chave:** Educador Musical; Campo de Trabalho; Formação Docente.

## Introdução

O educador musical no Brasil, ao ser inserido no mercado de trabalho, se depara com alguns desafios como, por exemplo, em questões relativas ao currículo e à polivalência que algumas escolas exigem, ou mesmo os desafios dentro de sua própria área - como trabalhar assuntos que não foram desenvolvidos ou pouco vistos durante a graduação – o que pode se caracterizar em “lacunas” na sua formação.

Há ainda casos de professores de música que não permanecem na área após finalizada a sua formação, muitas vezes por conta do mercado de trabalho não oferecer oportunidades financeiramente satisfatórias, e, por essa razão, buscam em outras áreas de atuação um apoio financeiro.

Este artigo tem como finalidade discutir os possíveis desafios de uma profissional formada em Educação Musical que está inserida no mercado de trabalho em sua área. Para isso, realizei uma entrevista com uma professora graduada em Música – Licenciatura em Educação Musical – no ano de 2018, e que está atuando profissionalmente.

A entrevistada desta pesquisa não terá seu nome revelado, e o nome fictício para referir-se a ela será Ana. Ela, neste ano de 2019, está atuando em diversos locais. Referentes às aulas particulares, mantém vínculo com uma escola de música, ministrando aulas de musicalização e flauta doce – tendo seis alunos – sendo essas aulas individuais ou em duplas, e também com aulas particulares residenciais, apenas com a musicalização – dois alunos.

No ensino regular privado, Ana continua ministrando aulas de musicalização e flauta doce, porém, trabalha com seis turmas. Também atua da mesma maneira na rede pública, contando com sete turmas, desde o infantil V até o 5º ano. Além destas, possui seis turmas de musicalização infantil em um CMEI<sup>1</sup>, desde o berçário (infantil I) ao infantil IV.

A entrevistada relata que, no caso da escola pública, a demanda de alunos é maior do que nas outras e, referente aos documentos de contratação, há especificações nos conteúdos, em que o professor deve ministrar aulas de teoria musical, flauta doce e teclado. Esta proposta da escola foi questionada pela entrevistada, que já conversou com a coordenação da escola e sugeriu que seria mais adequado mudar a abordagem de trabalho, pois acredita que da forma como a escola está propondo, as aulas não seriam dinâmicas.

Em suma, Ana possuiu 19 turmas com faixa etária de 4 e 6 meses a 10 anos, atuando em diversas etapas de ensino, com uma carga horária extensa. A partir dessas experiências como professora, a mesma relata suas dificuldades enquanto profissional da área, além dos destaques positivos e negativos que vivenciou em sua formação musical, entre outros assuntos relacionados, que foram discutidos durante a entrevista.

## **Passos desta pesquisa**

A natureza desta pesquisa é de fundo qualitativo e tem como base dados coletados a partir da entrevista semiestruturada. Segundo Figueiredo (2010), a pesquisa de cunho qualitativo possui uma flexibilidade em termos do seu desenvolvimento e um olhar do pesquisador sobre o assunto abordado.

Já a entrevista semiestruturada permite uma proximidade entre o pesquisador e os fenômenos estudados. Assim, podem surgir durante a pesquisa novos dados, e no caso da

---

<sup>1</sup> CMEI – Centro Municipal de Educação Infantil

entrevista, há a possibilidade de surgirem outras discussões não planejadas que contribuirão para o trabalho (GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p.32).

Assim, a entrevista semiestruturada tem como uma das características a elaboração prévia de um roteiro, no qual “geralmente a entrevista é indicada para buscar informações sobre opinião, concepções, expectativas, percepções sobre objetos ou fatos” (MANZINI, 2010, p. 4). No caso dessa pesquisa, o objetivo é de conhecer desafios do professor de musicalização no ensino regular privado, público, nas aulas particulares e coletivas, pois essas são as atividades realizadas pela entrevistada.

O surgimento desta pesquisa ocorreu a partir de uma discussão gerada em sala de aula sobre o assunto: o educador musical, sua formação e o mercado de trabalho. Este debate teve início na disciplina de Educação Musical IV, do curso de Música, habilitação Licenciatura em Educação Musical da Universidade Estadual de Maringá, no qual o assunto foi abordado pelos alunos do último ano, turma esta da qual faço parte.

O objetivo da professora da disciplina era de incentivar os alunos a debaterem o assunto abordado, conversando com profissionais formados na área, realizando um estudo exploratório e posteriormente a escrita de um artigo como parte da ementa da disciplina de educação musical IV.

Após debatermos sobre o assunto, elaboramos as seguintes perguntas:

- O curso de graduação correspondeu as suas expectativas?
- Quais os destaques de conhecimento que a graduação ofereceu?
- Ao exercer a profissão, quais foram as lacunas perceptíveis da graduação?
- Quais conteúdos/autores você gostaria de ter estudado na graduação?
- Você acrescentaria uma nova disciplina no currículo da Graduação? Qual? Por que?
- Quais suas maiores dificuldades na prática como professor/a?
- O que acredita que poderia ter tido de conhecimento que poderia contribuir em sua prática?
- Suas aprendizagens nas aulas de estágios foram suficientes para sua atuação e correspondem à realidade?

- O que você acredita que poderia ter feito no decorrer da graduação que teria agregado mais na sua formação e atuação como educador musical?
- Que formação complementar você buscou após a graduação para suprir as demandas do campo de trabalho?
- Que projetos ou disciplinas você gostaria de ter participado ao longo da graduação e que não o fez?

Este trabalho foi de ordem coletiva até o momento da elaboração das perguntas e, a partir disso, cada acadêmico seguiu com seu trabalho individual, buscando realizar entrevistas com diferentes profissionais formados em Educação Musical e com focos diferentes.

A segunda etapa deste trabalho concentrou-se em entrar em contato com um profissional Licenciado em Educação Musical que estivesse atuando na área. Dessa forma, contatei uma educadora que está formada há pouco tempo, porém, já atua em diversas escolas, trabalhando exclusivamente com música.

Após o contato com esta professora, a mesma assinou um termo de autorização para o uso de suas respostas e em seguida, realizei uma entrevista semiestruturada. Finalizada a entrevista, foi feito inicialmente uma transcrição literal, no qual foram inclusos os vícios de linguagem, interrupções e outros cacoetes da fala coloquial. Após isso, para a leitura deste trabalho ganhar mais fluência, retirei alguns destes vícios de linguagens, como a repetição de palavras.

Por fim, realizada da entrevista, foram levantadas reflexões sobre o profissional da área de música e seus desafios como professor em diferentes etapas de ensino, a partir dos dados que emergiram da entrevista.

## **Discussões da entrevista**

Logo de início, ao perguntar para a entrevistada sobre as expectativas que ela teve ao entrar no curso de Licenciatura em Educação Musical, ela relata que, no começo da graduação, possuía um conhecimento muito tradicional de ensino de música, e foi a partir do contato com as disciplinas, mais especificamente Educação Musical, conhecendo autores e compositores,

com práticas, estágios e extensões, foi nesse momento que ela começou a aprender sobre música de outra maneira. Conhecendo mais o ensino de forma lúdica, ela concluiu que o curso correspondeu as suas expectativas e, inclusive, foi um dos destaques que a entrevistada considera na graduação, pois todo o conhecimento sobre a música foi abordado de forma ampla e consistente.

Ao falar sobre as lacunas perceptíveis em sua graduação, a entrevistada cita:

Na minha formação não faltou tanto, acho que tinha que ter mais estágio, porque eu fiz parte do PIBID e da Residência [pedagógica]. Além dos quatro estágios que teve eu ainda tinha o PIBID que me amparou bastante para como estou atuando esse ano. Estando lá, no estágio a gente pega uma turminha por semestre, só que não é como a gente começa a trabalhar. Você pega onze turmas por semestre, é bem amplo tudo no mercado de trabalho quando você vai assim, não é só um estágio. Então eu acho que tem que ter mais estágio ou incentivar os alunos a sempre fazerem PIBID e Residência pra não ficar lacunas. Ah! Outra lacuna que eu senti hoje depois de formada é sobre criar projetos. A gente criar os planejamentos para os estágios só que criar projetos, se hoje eu for criar um projeto pra levar pra prefeitura assim, não sei. Teve a disciplina de educação musical que dá base, só que não deixou tão amparado pra deixar a gente assim “nossa, eu sei criar um projeto de início ao fim, de forma que pedirem” [...] Mostrou tudo muito amplo e não tudo muito amparado, poderia ser alguma coisa mais dirigida nesse sentido.

Na fala da entrevistada, fica clara a importância na participação de projetos como PIBID<sup>2</sup> e a Residência Pedagógica<sup>3</sup>. A atuação nestes projetos é significativa porque oferecem imersão no espaço escolar e uma relação com a docência que complementa o estágio supervisionado da graduação, contribuindo na formação como professor.

Sobre a participação destes projetos, como o PIBID, as autoras, Tomazi e Garbosa (2016), salientam que, para a formação de um professor, é preciso buscar experiências além das que já estão inseridas no currículo de música, e o PIBID é uma delas, no qual o graduando em licenciatura consegue ter mais experiência com a prática em sua área. As autoras ainda afirmam que:

Nesse sentido, o PIBID-Música vem contribuindo para o processo formativo de novos professores da área de Música e para a ampliação e qualificação das práticas pedagógicas implementadas nas escolas. O programa tem possibilitado ainda construções dos participantes, tanto no âmbito pessoal

---

<sup>2</sup> PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

<sup>3</sup> Residência Pedagógica – Programa com objetivo de proporcionar uma experiência maior do licenciando na educação básica.

como profissional, envolvendo professores supervisores, coordenadores e acadêmicos (TOMAZI e GARBOSA, 2016, p. 4).

Na mesma direção está o Programa Residência Pedagógica. Este foi lançado pela Capes<sup>4</sup> em março de 2018, iniciado em agosto deste mesmo ano, e possui a intenção de oferecer bolsas de incentivo à docência, porém, diferente do PIBID, essa está disponível apenas para alunos que já cursaram no mínimo 50% do curso, ou seja, alunos que estiverem no 5º período. O projeto da Residência Pedagógica exige a carga horária de 440 horas, tendo como principal objetivo, “o entendimento de que a formação de professores nos cursos de licenciatura deve assegurar aos seus egressos, habilidades e competências que lhes permitam realizar um ensino de qualidade nas escolas de educação básica.” (CAPES, 2018).

Ainda relacionada à experiência em sala de aula, a entrevistada explica que o estágio supervisionado, na sua concepção, não é suficiente para a formação de um educador musical, uma vez que ele ocorre comumente por 4 semestres, com uma turma/realidade em cada um deles. Ou seja, quatro turmas durante toda a graduação, número considerado pouco para criar uma bagagem de docente, segundo a entrevistada, e por isso ela ressalta como os projetos de incentivo à docência foram significativos para criar mais experiências, atuando em sala de aula.

Em relação a importância do estágio para a formação do professor, Silva (2017) expõe em sua pesquisa que durante sua experiência como professora da disciplina de estágio, percebeu a importância dessa prática:

Percebi que os licenciandos relatavam dificuldades que envolviam a comunicação com o corpo docente da escola sobre o papel e a importância da música na escola, a relação com os alunos durante a atuação em sala de aula, e a elaboração do planejamento no que diz respeito à seleção de conteúdos e à escolha de metodologias. (SILVA, 2017, p. 10).

Como citado por Silva (2017), durante o estágio são encontrados alguns obstáculos no qual os licenciandos podem encontrar dificuldades em resolver, como a relação com os alunos na prática em sala de aula ou mesmo o planejamento de conteúdos para as aulas. Estes e outros fatores, segundo a entrevistada, podem não ser resolvidos durante o tempo de estágio

---

<sup>4</sup> Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

da graduação. Neste caso, os projetos de iniciação à docência contribuem para uma maior experiência nesses quesitos, como em um dos exemplos citados por Silva (2017) sobre a dificuldade de comunicação com o corpo docente na escola onde o estagiário está envolvido, com a Residência pedagógica, por exemplo, o residente tem um contato maior com os professores, na sala de professores, podendo observar conselhos de classe, por exemplo.

A respeito das experiências em ministrar aulas, a entrevistada ainda destaca sua dificuldade com a criação de projetos. Em vários momentos da entrevista, ela ressalta este assunto, como ocorreu em outra questão feita sobre disciplinas que ela acrescentaria ao currículo, e que ela responde que seria algo relacionado a estudos sobre projetos, não somente abordando sua atuação, como também sua criação e, com essa ideia, ela traz uma discussão fundamental para currículo acadêmico, pois sua criação, seu funcionamento e organização deveriam ser vistos com mais detalhes e mais tempo.

Seguindo com a entrevista, ao surgir a questão sobre quais as maiores dificuldades que ela encontra na prática como professora agora formada, ela responde que é com relação à indisciplina dos alunos, em sua maioria. O comportamento dos alunos em sala de aula na escola é completamente diferente do comportamento dos alunos na universidade:

A gente tem um contato com a nossa sala de aula com nossos amigos quando está na faculdade e a disciplina é diferente da disciplina que a gente encontra dentro da sala de aula na escola, então acho que a maior dificuldade que estou encontrando é na indisciplina dos alunos. Porque querendo ou não, no estágio a gente está na sala com a orientadora, então auxilia, agora na prática sou eu com eles... mas acho que a indisciplina é algo que acontece em todas as aulas e tem professora que fala que os alunos se comportam mais na minha aula, porque eles gostam.

A respeito deste assunto, Santos (2016) expõe que alguns autores acreditam que a indisciplina escolar resulta de uma educação precária no próprio ambiente familiar do aluno ou mesmo por conta da tolerância dos pais. Santos (2016) também cita outros autores que acreditam que a indisciplina dos alunos ocorre pela falta de motivação durante o processo educacional.

Outro tópico interessante citado por Ana, relacionado às dificuldades encontradas na prática, foi a importância do professor sempre continuar a buscar novos aprendizados, mesmo depois de formados. Ela explica que, por enquanto, não está havendo dificuldades

significativas quanto a ensinar os alunos, mas que mesmo com o diploma em mãos, o professor precisa seguir na busca por mais conhecimentos. Em suas palavras:

Me formei agora e não estou encontrando muita dificuldade não, porque tudo é muito novo, tudo está “fresquinho” e assim, uma coisa liga a outra e você vai pesquisando sempre... o professor, se formou esse ano, está com seu diploma? Beleza, só que você nunca para de estudar porque a cada aula tem que levar novidade para as crianças, tem que interagir e é isso.

Em várias questões a professora entrevistada aborda a continuação da busca por novos conhecimentos, podendo ser pesquisados em livros, artigos, e sites de relacionados à Educação Musical. Essas buscas podem ser úteis, por exemplo, para planejar suas aulas, pois ao trabalhar com faixas etárias e objetivos diferentes, precisa pesquisar sempre: “Eu sempre estou vendo vídeos na internet, procurando sites de educadores musicais que a gente pesquisa mesmo, vendo as revistas da Abem que tem bastante conteúdo bacana”.

Ana também considera ser de suma importância a participação em minicursos, congressos, fóruns e outras atividades extracurriculares e o que estes eventos proporcionam aos alunos em termos de complementar sua formação:

Ter feito os projetos de extensão que eu fiz na época que eram o oficina coral, orquestra de flauta, contribuiu bastante na minha prática hoje como professora [...] acho que o que contribuiu para o crescimento da prática é a gente sempre está na universidade buscando fora, nos cursos de congresso, é procurando em livros, não ficar só no conhecimento que é nos dado ali na universidade.

É importante, nesse contexto, frisar que Ana participou de projetos que atenderam diferentes faixas etárias, desde crianças até idosos.

Ao analisar a entrevista, destaco que os assunto mais ressaltados pela Ana durante esse debate foram: a importância dos projetos de incentivo à docência para o licenciando em música, visto que no estágio não há tempo hábil para se realizar grandes experiências; as dificuldades enfrentadas ao se deparar com a sala de aula, principalmente no quesito disciplina dos alunos; dificuldade em criação de projetos, assunto que segundo a entrevistada deveria ser mais visto na graduação; e por fim a importância da participação de projetos de extensão para uma formação mais “completa”.

## Analizando os dados

Ao falar sobre o assunto formação profissional docente, Viapana (2017) afirma que “o desenvolvimento profissional é o processo de professores(as) aprendendo a ensinar e transformar seu conhecimento em prática para o benefício e crescimento dos seus alunos e alunas” (VIAPIANA, 2017, p. 99).

Durante esse processo, o licenciando em música tem sua experiência com a prática docente a partir da disciplina de estágio obrigatório, podendo buscar um contato maior com a sala de aula participando de projetos de incentivo à docência, como os projetos da Capes citados pela entrevistada dessa pesquisa, sendo eles no caso da formação dela o Pibid e a Residência Pedagógica, que complementam o currículo do licenciando.

O contato com a sala de aula ocorre obrigatoriamente nos estágios. Este estágio é organizado e auxiliado pela professora da disciplina e orientadora de casa estagiário. Silva (2017), revela em seu trabalho que, é no estágio durante sua formação que o futuro profissional da área começa a absorver e compreender as características de sua profissão.

Segundo Moraes, Rosa, (*Et al.*, 2018), a partir das experiências do professor, é possível diversificar seu métodos de ensino, com mais criatividade e diversos meios de ensinar seus alunos, porém, o professor, assim como qualquer outro profissional, pode cometer erros e é a partir deles podem haver novos aprendizado, os autores(as) ainda citam:

Às vezes, acontecem erros, e é através deles que se aprendem novos saberes, ou seja, o saber cotidiano é transformado em conhecimento científico. No entanto, para que isso ocorra de maneira completa, o profissional da educação deve realizar um estudo diário dos próprios resultados a fim de inovar nos conhecimentos, nas habilidades e nas próprias competências. (MORAES, ROSA, *Et al.*, 2018, p 18)

Esse estudo diário, é um dos assuntos citado pela entrevistada, pois como relatado por ela, o professor deve continuar buscando conhecimento mesmo depois de formados, pois para a elaboração de cada aula de música é necessário ter criatividade, independente do conteúdo, ou seja, o professor deve ser um pesquisador.

No contato com a sala de aula, o professor pode encontrar algumas dificuldades e a entrevistada cita que um dos fatores que também contribuiu para sua formação ser mais completa foi a participação de projetos de extensão, tendo contado com outros graduandos

ou com alunos, por exemplo, estabelecendo contato com crianças ou idosos em corais, citados pela professora entrevistada.

Ao entrar nesse assunto sobre projetos de extensão das universidades, Pereira (2018) afirma que:

[...]a extensão universitária favorece o contato direto para o desenvolvimento da prática docente, no qual pode possibilitar um aperfeiçoamento no desenvolvimento de metodologias de ensino, fortalecendo assim a formação profissional e pessoal. (PEREIRA, 2018, p. 2)

A autora ainda relata em seu trabalho que, segundo uma professora entrevistada em sua pesquisa, só foi possível a prática como professora graças a participação de projetos de extensão. Paulino (2018) também expõe que o projeto de extensão proporciona ao acadêmico uma dinâmica ao seu processo de formação acadêmica, ampliando seus conhecimentos e criando uma relação entre a Universidade e a Sociedade. (PEREIRA, 2018, p. 3).

## **Considerações finais**

Como já mencionado anteriormente, esta pesquisa surgiu de uma discussão em sala de aula, a partir de questões sobre: como estão os profissionais em música já formados? Será que estão atuando apenas com música? Quais seus desafios?

Neste sentido, tomamos a decisão de realizar essa pesquisa. Cada aluno com seu caso e entrevistado, sendo ele algum profissional da área e atuando como professor da área, e assim, buscamos pessoas que pudessem sanar as dúvidas sobre as dificuldades, desafios e aprendizagens que a prática após formados os proporcionou, descobrindo também, quais as lacunas que a graduação deixou em sua formação e como ele buscou melhorar como profissional para conseguirem manter-se atuando apenas em música.

Nesta entrevista tive a oportunidade de analisar as falas de uma professora recém formada, que está trabalhando na área e com uma carga horária bem preenchida, atuando em diferentes ambientes de ensino e com diferentes faixas etárias. Suas falas foram importantes para a melhor compreensão da atuação profissional. Destaco os desafios que a

entrevistada relata ao atuar como professora titular de turmas, sem a presença do orientador/supervisor – o que é bastante diferente da experiência enquanto estagiária.

As opiniões da entrevistada que, durante esta pesquisa, está tendo a vivência como professora, também podem ser as mesmas de outros profissionais da área de música e, ao debater sobre os assuntos abordados, podem gerar reflexões sobre o que pode ser invado e melhorado para o futuro acadêmico. Isso se reflete a um possível complemento ao Curso de Música ou mesmo fazer com que os discentes em música busquem, durante a graduação, mais experiências extracurriculares para complementá-la. Vale ressaltar novamente os exemplos dados pela entrevistada, como os projetos de extensão oferecidos pela universidade dentro e fora dela, projetos de incentivo à docência para a habituação da profissão e ainda criando mais experiência como futuro professor, assim, conseguirem uma formação mais holística.

## Referências

BRASIL. CAPES. **Programa de Residência Pedagógica**. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acessado em 28 de maio de 2019.

BRASIL. CAPES. **Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. Disponível em: <http://capes.gov.br/pt/educacao-basica/capespibid/pibid>. Acessado em 28 de maio de 2019.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. **Considerações sobre a pesquisa em educação musical**. Org. FREIRE, Vanda Bellardi. In. Horizontes da pesquisa em música. Rio de Janeiro: 7 letras, p. 155-175, 2010.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfol. Org. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acessado em 29 de maio de 2018.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista Semi-Estruturada: Análise De Objetivos E de Roteiros**. Depto. de Educação Especial, Programa de Pós Graduação em Educação, Unesp, Marília, 2012). Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/consagro/files/2012/03/MANZINI-José-Eduardo-Entevista-semi-estruturada-Análise-de-objetivos-e-de-roteiros.pdf>. Acessado em 28 de maio de 2019).

MORAES, Ana Beatriz Vitoriano de; ROSA, Kalita da. **A importância do educador musical e a sua influência na educação infantil.** Centro Universitário Adventista de São Paulo, Unasp, 2018. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/actacientifica/article/view/1050/948>. Acessado em 29 de maio de 2019.

PEREIRA, Beatriz Paulino. **Projetos de Extensão em Música e suas contribuições para a formação e atuação profissional.** XI Encontro Regional Sudeste da Associação Brasileira de Educação Musical Educação Musical em tempos de crise: percepções, impactos e enfrentamentos São Carlos/SP - 18 a 20 de outubro de 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/helen/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge\\_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/3245-11180-3-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/helen/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/3245-11180-3-PB%20(1).pdf). Acessado em: 29 de maio de 2019.

SANTOS, Humberto Corrêa dos. **A Indisciplina na Escola: causas, prevenções e enfrentamento.** Estação Científica - Juiz de Fora, nº 15, janeiro – junho / 2016

TOMAZI, Ana Carla Simonetti Rossato, GARBOSA Luciane Wilke Freitas. **O PIBID-Música e a construção docente de licenciandos: produção de materiais pedagógicos.** XVII Encontro Regional Sul da ABEM Diversidade humana, responsabilidade social e currículos: interações na educação musical Curitiba, 13 a 15 de outubro de 2016. Disponível em: <http://abemeducaomusical.com.br/conferencias/index.php/xviiregsul/regs2016/paper/viewFile/1819/829>. Acessado em 28 de maio de 2019.